

COLONIALISMO E LIBERTAÇÃO: O PROCESSO ANTICOLONIATISTA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE EM POEMAS DE MARIA MANUELA MARGARIDO

Guilherme Aynerson Araújo Brito¹
Jéssica dos Santos Reis²
Letícia Menezes Carvalho³
Marcus Adeylton Demosthenes Pereira⁴
Shenna Luíssa Motta Rocha⁵

RESUMO

São Tomé e Príncipe, país que não vivenciou um período pré-colonial, levou aproximadamente quinhentos anos, desde a sua ocupação (1470) até se libertar (1975) de sua metrópole, Portugal. Assim, o presente artigo, de cunho bibliográfico, fruto de uma pesquisa descritiva e qualitativa, tem por objetivo analisar os traços da luta e libertação de São Tomé e Príncipe que emergem dos poemas da diplomata e poeta Maria Manuela da Conceição Carvalho Margarido. Essas produções ajudam a montar o cenário histórico e anticolonialista vivenciado pelas ilhas. Selecionou-se, assim, algumas poesias, que possuem, geralmente, versos brancos e não costumam ser presos a uma métrica, de linguagem simples, uma vez que seus poemas criticavam a elite e objetivavam representar um povo, muitas vezes privado do conhecimento, e sua luta. São exemplos: *Socopé*, que através da representação da natureza, característica da escrita da autora, confessa as mazelas deixadas pela colonização; *Na Beira Do Mar*, que evidencia, ao longo de seus versos, a contraposição entre pertencer ao lugar e, entretanto, não possuir voz ativa; *Alto Como o Silêncio*, que se manifesta já em seu título com o paradoxo alto e silêncio, e intitula o único livro publicado pela poeta, carrega uma crítica, sobretudo, aos policiais da metrópole que trabalham na colônia. Essa mesma temática também é percebida no poema *Vois Ocupais a Nossa Terra*. Os poemas da autora objeto de estudo carregam consigo uma ideologia estética vinculada a outros poetas de Língua Portuguesa de origem são tomense, como Alda Espírito Santo, Tomás Medeiros e Marcelo da Veiga. Tal ideologia consiste na busca por sua identidade cultural e denúncia das problemáticas enfrentadas pelos colonizados. Assim, junto com esses, Margarido contribuiu para as lutas anticolonialista de sua terra natal, produzindo e resistindo no próprio território do colonizador. Conferindo às suas produções poéticas um posicionamento contra o poder hegemônico. Para embasamento teórico, foram usados, sobretudo, Stuart Hall (2003) no tocante às lutas identitárias do povo africano e, no que compete à crítica literária, utilizou-se o escritor brasileiro Antônio Candido (2005).

Palavras-chave: São Tomé e Príncipe. Literatura Africana. Poesia. Identidade. Anticolonialismo.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa objetiva expor, analisar e correlacionar poemas da escritora são tomense Maria Manuela Margarido, com o combate anticolonista e a independência do arquipélago. Embora a autora possua uma obra não tão vasta, tratou de temas importantes e é uma das poucas vozes femininas que escreveu sobre naquela época. São

¹ Acadêmico de Letras Português e bolsista do programa Residência Pedagógica na Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba, guilhermeabrito@aluno.uespi.br

² Acadêmica de Letras Português e bolsista do programa Residência Pedagógica na Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba, jessicareis@aluno.uespi.br

³ Acadêmica de Letras Português e bolsista do programa Residência Pedagógica na Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba, leticiamcarvalho@aluno.uespi.br

⁴ Acadêmico de Letras Português na Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba, marcuspereira@aluno.uespi.br

⁵ Professora Assistente II da UESPI – Campus Parnaíba. Doutoranda em Semiótica e Linguística Geral do PPG Ling-USP, Shenna.rocha@phb.uespi.br

Tomé e Príncipe, juntamente a Cabo Verde, tiveram a colonização bastante distinta dos outros países africanos. Diferente do que é comumente visto nas sociedades coloniais, o período conhecido como Pré-Colonial, não existiu nos arquipélagos citados. O que alguns autores discordam. Eles afirmam que a presença de “Angolares” antes do “achamento” na região já não é uma dúvida (PEREIRA, 2010).

Como as poesias objeto de estudo deste artigo são de uma autora natural da Ilha de Príncipe, uma das ilhas componentes do país São Tomé e Príncipe, traçar-se-á um perfil histórico para um melhor entendimento. A priori, é importante evidenciar que o país passou por dois processos de colonização, sendo o segundo também chamado de recolonização. O processo de ocupação em sua totalidade, levou aproximadamente 500 (quinhentos) anos, datando de 1460 até 1975. Segundo Gonçalves e Hagemeyer (2015) a primeira colonização foi marcada pela produção do açúcar e iniciou-se com o povoamento das ilhas, que até então não possuíam, de acordo com alguns pesquisadores, habitantes.

Segundo o pensamento desses autores que assumem a não existência de habitantes nas ilhas, o país foi ocupado primeiramente apenas pelos colonizadores e por indivíduos escravizados trazidos da África. A ilha com o passar do tempo serviu como entreposto comercial devido a sua localização de fácil acesso aos navios e também, conseqüentemente, ao envio de pessoas escravizadas para outras colônias e novos comércios (SEIBERT, 2015).

Fato o qual remete-se ao movimento conhecido como diáspora africana, entendido como a imigração forçada de africanos para outros continentes em navios negreiros, visando os escravizar (SANTOS, 2008). Consoante Stuart Hall (2003, p. 33), grande pesquisador do tema,

O conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um "Outro" e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. (sic)

Figura-se assim, a situação, o sentimento de não pertencimento e as confusões dicotômicas vivenciadas pelo ser em situação escravizada.

A primeira tentativa de ocupar o São Tomé e Príncipe foi falha pela ausência de alimentos, o clima desfavorável e a grande distância de Portugal em relação ao arquipélago. Os primeiros moradores da ilha foram os degredados, pessoas expulsas de sua pátria, e alguns voluntários. Porém, devido aos problemas já mencionados, mesmo

esses não eram muitos. Além deles, também foram trazidas crianças judias separadas dos pais a força e, é importante pontuar que, todos os novos moradores recebiam escravos para trabalhar para eles (SEIBERT, 2015). Salienta-se, também, a participação dos habitantes de São Tomé e Príncipe no tráfico de escravos. Eles, como já referido, desenvolveram a primeira economia de plantação, consistida na cana-de-açúcar e na mão-de-obra escrava.

Entretanto, as condições climáticas prejudicavam as plantações de alimentos, a criação de animais domésticos e a alimentação dos residentes. Em função disso tornou-se difícil a adaptação dos novos habitantes. Ao longo do tempo, isso também prejudicou a produção do açúcar. Assim, os portugueses começaram a perder o interesse pela nova terra. Em 1580, com o crescimento da produção açucareira no Brasil e a os ataques aos engenhos, ocasionados por escravos fugidos, acentuou-se o declínio da produção de açúcar (GONÇALVES E HAGEMEIJER, 2015). Os colonizadores, portanto, abandonaram a nova terra e partiram para novas colônias, deixando o arquipélago nas mãos dos escravos livres, os chamados de forros.

Inclusive, essa denominação “forro”, de acordo com Gonçalves e Hagemeyer (2015), também é a nomenclatura designada à primeira língua crioula de São Tomé e Príncipe. No começo, ao contato entre portugueses e africanos que habitaram a ilha, desenvolveu-se um *pidgin* para uma comunicação básica multilíngue. Ele se espalhou de forma rápida gerando uma língua crioula de base lexical portuguesa. Essa proto-língua, ao passar dos tempos, originou o forro. Nesse período, a população utilizava o forro com mais frequência do que o português, tornando-a, dessa forma, a língua materna (L1) das ilhas.

Porém, nos dias atuais há uma subversão desses papéis, com a chamada aculturação. Essa realidade linguística modificou-se, tornando o português a L1, consequência da dominação imposta por Portugal no período colonial. Como afirma Hall:

A apropriação, cooptação e rearticulação seletivas de ideologias, culturas e instituições europeias, junto a um patrimônio africano — cito novamente Cornel West —, conduziram a inovações linguísticas na estilização retórica do corpo, a formas de ocupar um espaço social alheio, a expressões potencializadas, a estilos de cabelo, a posturas, gingados e maneiras de falar, bem como a meios de constituir e sustentar o companheirismo e a comunidade. (sic) (2003, p. 343)

Esse processo de aculturação foi facilitado também pois, de acordo com Nascimento (2008), não existia uma resistência ativa da população são tomense em

relação à colonização europeia. Isso permitiu, também, que em 1834 os portugueses dessem início ao período conhecido como recolonização. Depois da independência da sua colônia mais rentável, o Brasil, Portugal redescobriu o interesse por São Tomé e Príncipe, agora não mais o vendo como só um entreposto comercial ou apenas um grande produtor de açúcar, mas também um bom local para explorar a produção de cacau e café. Sobre isso, Augusto Nascimento diz:

Desde meados do século XIX, São Tomé e Príncipe passou por um processo de recolonização no decurso do qual os europeus chegariam à proeminência económica e política assente nas roças. O aproveitamento das terras virgens para cacau e café trouxe prosperidade económica aos roceiros, conferindo-lhes um peso social e político que ecoou na identificação, na gíria popular, entre cacau e dinheiro. (sic) (2001, p. 6)

Com a indústria tomando força na Europa, graças a Revolução Industrial, a Inglaterra, país esse que estava à frente do movimento, pressionou os demais países europeus para aderirem a abolição da escravatura em suas colônias, para assim, os até então indivíduos em situação escravizada, trabalhassem de forma remunerada e pudessem comprar, tornando-se, portanto, parte do mercado consumidor. Com a abolição da escravatura em São Tomé e Príncipe, datado em 1875, os grandes produtores sentiram maior dificuldade na obtenção de lucros, já que não possuíam mais escravos. Fora lançada, por conseguinte, uma solução à longo prazo: o contrato dos chamados serviçais. Esses eram africanos trazidos de outros pequenos países do continente, sobretudo, de Cabo Verde (GONÇALVES E HAGEMEIJER, 2015). Com eles um acordo de cinco anos fora feito garantindo-os repatriação. Combinado esse que nunca fora cumprido.

Os serviçais passaram a ter uma jornada exaustiva de trabalho, e até castigos físicos, caracterizando uma nova era de escravidão no país. As chamadas roças, com trabalho análogo a escravidão, persistiram até a independência do arquipélago em 1975, entretanto, mesmo com seu fim, elas “ajudariam a ancorar a estrutura e a distribuição do poder no pós-independência.” (NASCIMENTO, 2001, p. 5). Algumas roças tornaram-se patrimônio histórico como, por exemplo, a Roça Agostinho Neto, onde na era colonial localizava-se o sistema ferroviário. Ela recebeu esse nome em homenagem ao primeiro presidente da Angola.

2. DESENVOLVIMENTO

É nesse contexto que surgem os poemas objeto de estudo desse artigo. A autora, Maria Manuela Conceição Carvalho Margarido, foi uma poetisa são tomense que desde muito cedo voltou-se para a luta anticolonialista. Nascida no dia 11 de setembro de 1925, em plena segunda colonização, observou de perto a realidade vivenciada pelos colonizados. Mesmo depois de ter se mudado para Portugal, encontrando-se longe da ilha, nunca deixou de lutar pelos direitos dos seus conterrâneos e pela independência, como pode-se notar no trecho a seguir do poema *Na Beira Do Mar*:

Na beira do mar, nas águas,
estão acesas a esperança
o movimento
a revolta
do homem social do homem integral
Inclino-me para além das próprias fronteiras
varrendo com decisão
os imensos quilômetros de distancia
E todos os caminhos tomam
O caminho da ilha
(MARGARIDO, 2014, p. 340)

Ao comentar sobre as fronteiras, o poema causa um sentimento dicotômico o qual se divide entre estar lutando por algo além das fronteiras e, ao mesmo tempo, tê-las atravessado para levar conhecimento sobre o seu povo. Pode-se perceber que o poema reivindica e figura esta batalha em outro recorte do mesmo:

[...] A terra é nossa,
guarda a marca dos nossos pés,
está empapada pelo nosso suor:
eis que avistamos a hora rubra do amanhecer
quando os papagaios se lançam no espaço
desfraldando uma bandeira ardente
e no céu cru da ilha a palavra justiça
ondula.
(MARGARIDO, 2014, p. 340)

Essa é a primeira característica que será explorada nesse artigo. A presença da luta anticolonialista, marcada pela vivência na colônia, presente nos poemas de Maria Manuela Margarido.

2.1 A luta anticolonialista a partir da colônia

Mesmo produzidos na metrópole, os poemas aqui analisados não deixaram de manifestar repulsa e ojeriza pela situação vivenciada na colônia. Possuem uma linguagem clara e objetiva, com o intuito de alcançar todos os tipos de leitores e, dessa forma,

dialogar com os habitantes de São Tomé. Esse recurso vai ao encontro do pensamento de Antônio Candido (2005) quando relata sobre os problemas de leitura com pontuações, ligações e formas de palavras que conseguem influenciar o entendimento de quem estiver lendo, se afastando de caligrafias com estilos rebuscados.

A ocupação pelos oficiais portugueses, pode ser citada como uma das formas de controle que os poemas criticavam. Medo e repressão foram trazidos para o arquipélago e seus residentes, através dos soldados da metrópole. É ciente disso que o poema *Vós que ocupais a nossa terra* retrata essas situações vividas pelos cidadãos são tomenses. O trecho seguinte apresenta, precisamente, isso:

É preciso não perder
de vista as crianças que brincam:
a cobra preta passeia fardada
à porta de nossas casas. [...]
(MARGARIDO, 2014, p. 341)

Nessa estrofe a autora relaciona a cobra com os soldados e a polícia do continente. Dessa forma, contesta o convívio entre eles e a sociedade da ilha, marcada pelo abuso de poder. Além disso, esses versos destacam, também, o medo vivido pelos pais em deixar sozinhos seus filhos. Os soldados da metrópole eram responsáveis pela segurança dos habitantes colonizados. Entretanto, os mesmos serviam muito mais como símbolo de repressão e domínio social, não transmitindo, a seguridade a eles destinada.

Nos poemas da autora são tomense, nascida em plena recolonização, que sempre lutou fortemente contra as amarras postas em seu país, é retratada também, a decadente situação vivida por quem trabalhava nas roças. Nesse período os habitantes de seu país e de outras colônias de Portugal padeciam nelas, que consistiam nas localidades destinadas ao cultivo do cacau e do café. As roças tinham tantas horas de trabalhos exaustivas que, pode-se afirmar, os trabalhadores sofriam em condições análogas à escravidão, como referido anteriormente. A seguir destacar-se-á um trecho do poema *Roça* em que Margarido denuncia os problemas vividos pelos servidores:

A noite sangra
no mato,
ferida por uma lança aguda
de cólera.

A madrugada sangra
de outro modo;
é o sino da alvorada
que desperta o terreiro.
É o feitor que começa

a destinar as tarefas
para mais um dia de trabalho.
(MARGARIDO, 2014, p. 338)

Nessa parte é enfatizado ao leitor os dias tristes e sangrentos sentidos por cada um dos que trabalhavam nesse sistema. É destacada cada parte do sofrimento dos trabalhadores onde, até na madrugada, momentos destinados ao descanso, eles sangravam. O sangrar, nesse viés, cumpre tanto o sentido literal onde sangra-se pelas veias, pelos cortes, pelas violências cometidas, ao mesmo tempo que demarca o trabalho que surge ao raiar do sol, não deixando tempo para o descanso do corpo, tão caro a todos e, sobretudo, aos roceiros.

Ao seguir a leitura, o eu-lírico comenta sobre a manhã desse trabalhador que, mesmo com as mazelas sofridas noite a dentro, cedo se levanta e volta a sangrar. Expondo, mais uma vez, a violência impetuosa implantada nas roças pelo colonizador. O trecho seguinte detalha a realidade da manhã do roceiro.

A manhã sangra:
salsas a bananeira
com um machim de prata;
capinas o mato
com um machim de raiva;
abres o coco
com um machim de esperança;
cortas o cacho de andim
com machim de certeza.
(MARGARIDO, 2014, p. 338)

Para fechar o ciclo do dia, o poema nos leva ao final da tarde e o início da noite. Nesses versos, a palavra senzala é usada, traçando um diálogo explícito e, possivelmente, uma crítica aberta ao novo sistema escravocrata que se instalara na região.

E à tarde regressas
a senzala;
a noite esculpe
os seus lábios frios
na tua pele
E sonhas na distância
uma vida mais livre,
que o teu gesto há-de realizar.
(MARGARIDO, 2014, p. 338)

E, além disso, figura o sentimento de liberdade. Os sonhos de uma vida livre. Caros não somente para aqueles residentes, mas também, por pessoas como Margarido que, mesmo

longe de sua terra natal, não deixou de dar voz ao sofrimento e a crueldade vivenciado pelo seu povo.

2.2 Natureza e a luta anticolonial: delineamento nos poemas

A escritora são tomense utiliza-se de outra característica para desenrolar sua crítica militante e anticolonialista. Como visto no poema anterior, os cortadores de coco e as invocações das plantas nativas de sua terra exemplificam o que Margarido intenta fazer. Em uma entrevista ao Blog Almariada é comentada a relação entre sistema colonialista e natureza, dessa forma, destaca como as belezas de sua ilha são importantes para compreender a sua luta:

[...] Em *Alto como o Silêncio* (Lisboa, 1957), a minha poesia é a saudade dos sons, cheiros, luz e, também das angústias, dos medos e sonhos da minha ilha. As minhas composições falam dos homens, dos pássaros, dos cacauzeiros, dos coqueiros e do mar que nos libertava e nos oprimia. [...] (MARGARIDO, 2003, em entrevista ao blog Almariada)

A poesia que deu origem ao título da sua primeira e única obra, *Alto como silêncio*, exemplifica, de fato, como a obra dela pode ser saudosista e exprimir a beleza e as aflições da sua terra natal. Como pode ser analisado no poema:

Alto como silêncio
A ilha te fala
de rosas bravias
com pétalas
de abandono e medo.

No fundo da sombra
bebendo por conchas
de vermelha espuma
que mundos de gentes
por entre cortinas
espessas de dor.

Oh, a tarde clara
deste fim de Inverno!
Só com horas azuis
no fundo do casulo,
e agora a ilha,
a linha bravia das rosas
e a grande baba negra
e mortal das cobras.
(MARGARIDO, 1957)

A invocação de elementos naturais como forma de exaltar a terra na qual nasceu, conflita intrinsecamente com a crueldade dos colonizadores e de seus soldados retratados mais uma vez como “cobras”. Portanto, o eu-lírico desenha o cenário natural contrapondo-o com uma metáfora sobre a devastadora invasão portuguesa. Essa maldade é relacionada à uma substância líquida, a “baba negra”, que possibilita ao leitor criar uma imagem de algo sujo e profano que irá adentrar e poluir a terra.

A beleza de São Tomé e Príncipe é manifestada, também, objetivando tornar o arquipélago mais conhecido. Esse carácter extremamente nacionalista, é visto nas seguintes estrofes do poema *Socopé*:

Os verdes longos da minha ilha
são agora a sombra da oca,
névoa da vida,
nos dorsos dobrados sob a carga
(copra, café ou cacau - tanto faz)
Ouço os passos no ritmo
calculado do socopé,
os pés-raízes-da-terra
enquanto a voz do couro
insiste na sua queixa
(queixa ou protesto - tanto faz).
Monótona se arrasta
até explodir
na alta ânsia de liberdade.
(MARGARIDO, 2014, p. 336)

Nesse poema, não apenas a glorificação dos aspectos naturais e as marcas deixadas pelo confronto ao colonialismo aparecem, aqui, a vontade de libertação é atrelada e expressa junto a isso. Nota-se, além de tudo que fora comentado, a referência direta às plantações, razões as quais potencializaram a colonização, sempre com um teor passivo-agressivo de denúncia.

CONCLUSÃO

Com tudo que fora exposto, percebe-se o quanto a poesia de Maria Manuela Margarido foi importante para as manifestações de libertação contra o sistema de colonização até então existente nas ilhas de São Tomé e Príncipe. Não obstante a evidente importância de seus poemas aqui mostrada, infelizmente, por terem sido escritos por uma autora feminina, o devido reconhecimento ainda não os foi conferido.

Essas produções representaram o grito de um povo silenciado por muito tempo que, embora não na mesma proporção, continuam sendo até os dias atuais. Um exemplo é o nome do poema aqui analisado que nomeia o único livro de Margarido, *Alto como silêncio*, que configura, de forma geral, a mensagem desejada: um clamor alto o suficiente para ser ouvido, mas que não se faz, pois é proferido por um povo que, quase sempre, foi silenciado.

É necessário destacar também o compromisso que esses poemas têm em espalhar a cultura, fauna e flora de São Tomé e Príncipe. Uma vez que o arquipélago carrega consigo um caráter multicultural acentuado, sobretudo, após o período colonial. Conforme afirma Hall (2002, p. 56 apud HALL, 1996):

Há uma íntima relação entre o ressurgimento da "questão multicultural" e o fenômeno do "pós-colonial". Este "poderia nos fazer desviar por um labirinto conceitual do qual poucos viajantes retornam. Contentemo-nos, por enquanto, em afirmar que o "pós-colonial" não sinaliza uma simples sucessão cronológica do tipo antes/depois.

No mais, os poemas foram uma grande voz do movimento anticolonialista, auxiliando, portanto, outros nessa luta. É notável, dessa forma, a importância deles para a história do país, o que comprova não apenas a legitimidade dessa pesquisa, mas também a necessidade de outras.

ABSTRACT

São Tomé e Príncipe, a country that did not experience a pre-colonial period, took approximately five hundred years from its occupation (1470) to its liberation (1975) from its metropolis, Portugal. Thus, the present paper, of bibliographical nature, fruit of a descriptive and qualitative research, aims to analyze the traces of the struggle and liberation of São Tomé and Príncipe that emerge from the poems of the diplomat and poet Maria Manuela da Conceição Carvalho Margarido. These productions help put together the historical and anti-colonialist scenario experienced by the islands. Therefore, some poems were selected, which generally have white verses and are not usually bound to a metric, with simple language, since her poems criticized the elite and aimed to represent a people, often deprived of knowledge, and their struggle. For instance: *Socopé*, which through the representation of nature, characteristic of the author's writing, confesses the woes left by colonization; *Na Beira Do Mar*, which highlights, throughout its verses, the contraposition between belonging to the place and, however, not having an active voice; *Alto Como o Silêncio*, which manifests itself already in its title with the paradox loud and silent, and titles the only book published by the poet, carries a criticism, above all, to the policemen of the metropolis working in the colony. This same theme is also seen in the poem *Vois Ocupais a Nossa Terra*. The poems of the author under study carry with them an aesthetic ideology linked to other Portuguese language poets of São Tomense origin, such as Alda Espírito Santo, Tomás Medeiros, and Marcelo da Veiga. Such ideology consists in the search for their cultural identity and the denunciation of the problems faced by the colonized. In this way, together with them, Margarido contributes to the anti-colonialist struggles in his homeland, producing and resisting in the colonizer's own territory. Conferring to his poetic productions a positioning against the hegemonic power. For theoretical basis, we used, above all, Stuart Hall (2003) regarding the

identity struggles of the African people and, regarding literary criticism, we used the Brazilian writer Antônio Candido (2005).

Keywords: São Tomé e Príncipe, African Literature, Poetry, Identity, Anticolonialism.

REFERÊNCIAS

ANTOLOGIAS de Poesias da Casa dos Estudantes do Império, 1951-1963 | Angola | S. Tomé e Príncipe | I Volume | Editor: UCCLA – União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa | Capa e Arranjo Gráfico: Judite Cília | Revisão Editorial: Maria de Rosário Rosinha | Paginação: Manuel Rocha | Composição e impressão Gráfica: CML/Imprensa Municipal | 2a edição Agosto 2014.

CANDIDO, Antônio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução: Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

GONÇALVES, Rita; HAGEMEIJER, Tjerk. **O português num contexto multilíngue: o caso de São Tomé e Príncipe**. Rev. cient. UEM: Sér. ciênc. soc. Vol. 1, Nº 1, p. 87-107 2015.

MARGARIDO, Maria Manuela. **“Depoimento autobiográfico”**. In: Revista de Estudos sobre a Mulher, Lisboa: Edições Colibri, n. 9, ano 2003. Reproduzido em: Almaria blog. Disponível em: <https://almariada.blogspot.com/2008/08/maria-manuela-da-conceicao-carvalho_06.html?m=1> Acesso em: 17 de Ago de 2021 às 00h57

_____. **Alto como o silêncio**. Lisboa, Publicações Europa-América, 1957.

_____. Roça. Memória da Ilha do Príncipe. Socopé. Paisagem. In: MATA, Inocência; ANDRADE, António; SALVATERRA, Danilo; PIRES, Júlio (Org.). **Alto como o Silêncio & outros poemas – Testemunho de uma geração**. Ourém: CoOi - Conde Oliveira, 2007.

NASCIMENTO, Augusto. **Identidades e saberes na encruzilhada do nacionalismo são-tomense**. Vol. 3, N.º 24, Outono-Inverno, 2001.

_____. **Atlas da lusofonia: São Tomé e Príncipe**. Lisboa: Prefácio, 2008.

PEREIRA, Érica Antunes. **De missangas e catanas: a construção social do sujeito feminino em poemas angolanos, cabo verdianos, moçambicanos e são-tomenses: análise de obras de Alda Espírito Santo, Alda Lara, Conceição Lima, Noémia de Sousa, Paula Tavares e Vera Duarte**. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

SANTOS, J. A. **Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida**. In: MACEDO, J.R., org. Desvendando a história da África [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp.181-194.



SEIBERT, Gerhard. **Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social.** Anuário antropológico, v. 40, p. 99-120, 2015.